

Literatura Brasileira



Literatura

A Literatura é a técnica de compor e expor textos escritos, em prosa ou em verso, de acordo com princípios teóricos e práticos; o exercício dessa técnica ou da eloquência e poesia.

A palavra Literatura vem do latim "litteris" que significa "Letras", e possivelmente uma tradução do grego "grammatikee". Em latim, literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, e se relaciona com as técnicas da gramática, da retórica e da poética. Por extensão, se refere especificamente à arte ou ofício de escrever. O termo Literatura também é usado como referência a um conjunto escolhido de textos como, por exemplo a literatura portuguesa, a literatura espanhola, a literatura inglesa, a literatura brasileira, a literatura japonesa, etc.

Mais produtivo do que tentar definir Literatura talvez seja encontrar um caminho para decidir o que torna um texto, em sentido lato, literário. A definição de literatura está comumente associada à ideia de escrita de letras. Entretanto, nem todo texto é literário. A própria natureza do caráter estético, contudo, reconduz à dificuldade de elaborar alguma definição verdadeiramente estável para o texto literário. Para simplificar, pode-se exemplificar através de uma comparação por oposição. Vamos opor o texto científico ao texto literário: o texto científico emprega as palavras sem preocupação com a beleza, o efeito emocional. No texto literário, ao contrário, essa será a preocupação maior do escritor(autor). É óbvio que também o escritor busca instruir, e perpassar ao leitor uma determinada ideia; mas, diferentemente do texto científico, o texto literário une essa instrução à necessidade à recepção. O texto científico emprega as palavras no seu sentido dicionarizado, denotativamente, enquanto o texto literário busca empregar as palavras com liberdade, preferindo o seu sentido conotativo, figurado. O texto literário é, portanto, aquele que pretende emocionar e que, para isso, emprega a língua com liberdade e beleza, utilizando-se, muitas vezes, do sentido metafórico das palavras.

A compreensão do fenômeno literário tende a ser marcada por alguns sentidos, alguns marcados de forma mais enfática na história da cultura ocidental, outros diluídos entre os diversos usos que o termo assume nos circuitos de cada sistema literário particular.

Assim encontramos uma concepção "clássica", surgida durante o Iluminismo (que podemos chamar de "definição moderna clássica", que organiza e estabelece as bases de periodização usadas na estruturação

do cânone ocidental); uma definição "romântica" (na qual a presença de uma intenção estética do próprio autor torna-se decisiva para essa caracterização); e, finalmente, uma concepção "crítica" (na qual as definições estáveis tornam-se passíveis de confronto, e a partir da qual se buscam modelos teóricos capazes de localizar o fenômeno literário e, apenas nesse movimento, "definilo"). Deixar a cargo do leitor individual a definição implica uma boa dose de subjetivismo, (postura identificada com a matriz romântica do conceito de "Literatura"); a menos que se queira ir às raias do solipsismo, encontrar-se-á alguma necessidade para um diálogo quanto a esta questão. Isto pode, entretanto, levar ao extremo oposto, de considerar como literatura apenas aquilo que é entendido como tal por toda a sociedade ou por parte dela, tida como autorizada à definição. Esta posição não só sufocaria a renovação na arte literária, como também limitaria excessivamente o corpus já reconhecido.

De qualquer forma, destas três fontes (a "clássica", a "romântica" e a "crítica") surgem conceitos de literatura, cuja pluralidade não impede de prosseguir a classificações de gênero e exposição de autores e obras.

"A Literatura obedece a leis inflexíveis: a da herança, a do meio, a do momento." (Hippolyte Taine, pensador determinista, metade do século XIX);

"O poeta sente as palavras ou frases como coisas e não como sinais, e a sua obra como um fim e não como um meio; como uma arma de combate." (Jean-Paul Sartre, filósofo francês, século XX);

"É com bons sentimentos que se faz Literatura ruim." (André Gide, escritor francês, século XX);

"Apesar de envolver algumas questões estéticas, a Literatura não pertence ao campo das artes, e vai operar-se nos seus elementos intrínsecos, a matéria e a forma da escrita e do verbo. " (LIMA, Alceu Amoroso. A estética literária e o crítico. 2. ed. Rio de Janeiro, AGIR, 1954. p 54-5.)

"A Literatura é retransmitida através dos signos da escrita língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio." (COUTINHO, Afrânio. Notas de teoria literária. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. p. 9-10).

Formas literárias

Poesia

Provavelmente a mais antiga das formas literárias, a poesia consiste no arranjo harmônico das palavras. Geralmente, um poema organiza-se em versos, caracterizados pela escolha precisa das palavras em função de seus valores semânticos (denotativos e, especialmente, conotativos) e sonoros. É possível a ocorrência da rima, bem como a construção em formas determinadas como o soneto e o haikai. Segundo características formais e temáticas, classificam-se diversos gêneros poéticos adotados pelos poetas.

Texto Dramático

O texto dramático é a forma literária clássica, composta basicamente de falas de um ou mais personagens, individuais (atores e atrizes) ou coletivos (coros), destina-se primariamente a ser encenada e não apenas lida. Até um passado recente, não se escrevia a não ser em verso. Na tradição ocidental, as origens do teatro datam dos gregos, que desenvolveram os primeiros gêneros: a tragédia e a comédia. O escritor e autor de textos dramáticos é chamado dramaturgo.

Os textos de teatro, letras de uma música; inovações textuais, e os textos dos roteiros para o cinema, também podem ser consideradas obras literárias.

Ficção em Prosa

A literatura de ficção em prosa, cuja definição mais crua é o texto "corrido", sem versificação, bem como suas formas, são de aparição relativamente recente. Pode-se considerar que o romance, por exemplo, surge no início do século XVII com Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes Saavedra.

Subdivisões, aqui, dão-se em geral pelo tamanho e, de certa forma, pela complexidade do texto. Entre o conto, "curto", e o romance, "longo", situa-se por vezes a novela.

Gêneros Literários

A linguagem é o veículo utilizado para se escrever uma obra literária. Escrever obras literárias é trabalhar com a linguagem. Os Gêneros Literários são as várias formas de trabalhar a linguagem, de registrar a história, e fazer com que a essa linguagem seja um instrumento de conexão entre os diversos contextos literários que estão dispersos ao redor do mundo. Uma boa forma de se familiarizar com os diversos gêneros literários - e assim criar hábitos sólidos de leitura - é ter contato com o formato mais apropriado para cada idade, passando desde a literatura infantil à infanto-juvenil até chegar à adulta.

Literatura de informação: A Literatura de Informação é um segmento do Quinhentismo, que é a denominação das manifestações literárias ocorridas em território brasileiro durante o século XVI. Além da Literatura de Informação, foi de destaque ao Quinhentismo a chamada Literatura dos Jesuítas. Iniciou-se no Brasil e durou de 1500 à 1601.

A literatura brasileira, considerando seu desenvolvimento baseada na língua portuguesa, faz parte do espectro cultural lusófono, sendo um desdobramento da literatura em língua portuguesa. Faz parte também da Literatura latino-americana, a única em língua portuguesa. Ela surgiu a partir da atividade literária incentivada pelos jesuítas após o descobrimento do Brasil durante o século XVI. Bastante ligada, de princípio, à literatura metropolitana, ela foi ganhando independência com o tempo, iniciando o processo durante o século XIX com os movimentos romântico e realista e atingido o ápice com a Semana de Arte Moderna em 1922, caracterizando-se pelo rompimento definitivo com as literaturas de outros países, formando-se, portanto, a partir do Modernismo e suas gerações as primeiras escolas de escritores verdadeiramente independentes. São dessa época grandes nomes como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Clarice Lispector e Cecília Meireles.

A literatura produzida no Brasil tem papel de destaque na esfera cultural do país: todos os principais jornais do país dedicam grande parte de seus cadernos culturais à análise e crítica literária e o ensino da disciplina é obrigatório no Ensino Médio.

O primeiro documento existente que possa ser considerado literatura brasileira é a Carta de Pero Vaz de Caminha, escrita por Pero Vaz de Caminha a Manuel I de Portugal e que continha uma descrição de como o território brasileiro parecia em 1500.[2] Revistas de viajantes e tratados descritivos sobre a "América Portuguesa" dominaram a produção literária nos dois primeiros séculos do Brasil, incluindo contos conhecidos de Jean de Léry e Hans Staden, cuja história de seu encontro com povos tupis na costa de São Paulo foi

extraordinariamente influente para as concepções europeias do chamado "Novo Mundo".

O primeiro poema da literatura do Brasil é Prosopopeia, de Bento Teixeira, publicado em 1601 e que conta em estilo épico, inspirado em Camões, as façanhas da família Albuquerque, tendo sido dedicado ao então governador de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho. Décadas depois de Prosopopeia, no ano de 1648, é publicado o livro *Historia Naturalis Brasiliae*, primeiro tratado de história natural do Brasil, de autoria do médico e naturalista holandês Guilherme Piso, que o concebeu através da observação do jardim zoobotânico do Palácio de Friburgo, residência de Maurício de Nassau durante o domínio holandês em Pernambuco.[6] Alguns exemplos literários a partir deste período são o poema épico de Basílio da Gamacomemorando a conquista das Missões pelos portugueses e a obra de Gregório de Matos, um advogado do século XVII de Salvador que produziu uma quantidade considerável de poesia satírica, religiosa e secular. A obra de Matos tem fortes influências barrocas, como os poetas espanhóis Luis de Góngora e Francisco de Quevedo.

O neoclassicismo foi difundido no Brasil durante a metade do século XVIII, seguindo o estilo italiano. A literatura era muitas vezes produzida por membros de academias temporárias ou semipermanentes e a maior parte do conteúdo era do gênero pastoral. O mais importante centro literário no Brasil colonial era a próspera região de Minas Gerais, conhecida por suas minas de ouro, onde o movimento protonacionalista da Inconfidência Mineira tinha começado. Os poetas mais importantes desta época eram Cláudio Manuel da Costa, Tomás António Gonzaga, Alvarenga Peixoto e Manuel Inácio da Silva Alvarenga, todos eles envolvidos em uma revolta contra o poder colonial. Gonzaga e Costa foram exilados para a África como consequência de seus respectivos trabalhos.

Romantismo

Exemplo: Representação de Iracema, por José Maria de Medeiros

Neoclassicismo durou por um tempo anormalmente longo e acabou por sufocar a inovação e restringir a criação literária. Foi só em 1836 que o romantismo começou a influenciar a poesia brasileira em larga escala, principalmente por meio dos esforços do poeta expatriado Gonçalves de Magalhães. Vários jovens poetas, como Casimiro de Abreu, começaram a fazer experiências com o novo estilo logo depois. Este período produziu algumas das primeiras obras-primas da literatura brasileira.

As principais características da literatura do então recém-nascido país era o exagero, o nacionalismo, a celebração da natureza e a introdução inicial da linguagem coloquial. A literatura romântica logo se tornou muito popular. Romancistas como Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida e José de Alencar publicaram suas obras em forma de série em jornais e se tornaram celebridades nacionais.

Por volta de 1850, uma transição começou centrada em torno de Álvares de Azevedo. O romance *Noite na Taverna* de Azevedo e sua poesia, recolhida postumamente em *Lira dos Vinte Anos*, tornaram-se influentes e o escritor foi largamente influenciado pela obra de Lord Byron. Esta segunda geração romântica era obcecada com a morbidade e a morte.

Ao mesmo tempo, poetas como Castro Alves, que escreveu sobre os horrores da escravidão (*O Navio Negreiro*), começaram a escrever obras com uma agenda social progressista específica. As duas tendências coincidiram em uma das realizações mais importantes da era romântica: o estabelecimento de uma identidade nacional brasileira a partir de ascendência indígena e da rica natureza do país. Estes traços apareceram pela primeira vez no poema épico *I-Juca-Pirama*, de Gonçalves Dias, mas logo tornaram-se generalizados. A consolidação deste sub- gênero (indianismo) é encontrada em dois romances famosos de José de Alencar: *O Guarani*, sobre uma família de colonos portugueses que tomaram índios como servos, mas depois foram mortos por uma tribo inimiga, e *Iracema*, que conta a história de um naufrago português que vive entre os índios e se casa com uma linda mulher nativa. A obra *Iracema* é especialmente lírica, abrindo com cinco parágrafos de pura poesia em prosa de estilo livre descrevendo a personagem-título.

Realismo

O declínio do romantismo, juntamente com uma série de transformações sociais, ocorreu no país em meados do século XIX. Uma nova forma de prosa surge, incluindo a análise dos povos indígenas e a descrição do ambiente, nos autores regionalistas (como Franklin Távora e João Simões Lopes Neto). Sob a influência do naturalismo e de escritores como Émile Zola, Aluísio Azevedo escreveu *O Cortiço*, com personagens que representam todas as classes e categorias sociais da época. O realismo brasileiro não foi muito original em um primeiro momento, mas assumiu uma importância extraordinária por causa de escritores como Machado de Assis e Euclides da Cunha.

Talvez o mais importante escritor do realismo brasileiro tenha sido Machado de Assis (1839-1908), filho de um pintor de paredes mulato e de uma mulher portuguesa, cuja única de educação, além de aulas de alfabetização, era a extensa leitura de livros emprestados. Ao trabalhar como tipógrafo em uma editora, Assis logo conheceu mais da literatura mundial e ainda conseguiu aprender um pouco de inglês e francês. No início da carreira, ele escreveu vários romances famosos, como *A Mão e a Luva* e *Ressurreição*, que, apesar de seu romantismo exagerado, já mostram seu humor vivaz e seu pessimismo para com as convenções da sociedade. Depois de ser apresentado ao realismo, Machado de Assis mudou seu estilo e seus temas, produzindo algumas das mais notáveis prosas já escritas em língua portuguesa. O estilo serviu como meio para seu humor corrosivo e seu intenso pessimismo, que estava distante das concepções de seus contemporâneos. Assis também era poeta.

Entre as principais obras de Machado de Assis estão:

Memórias póstumas de Brás Cubas, a autobiografia fictícia de um homem recentemente falecido, escrito pelo próprio "do além". É totalmente antirromântica e ridiculariza a sociedade do Rio de Janeiro da época.

Dom Casmurro, pretende ser a autobiografia de um homem solitário que deixa sua esposa e seu único filho depois de desfrutar de anos de vida conjugal feliz. O romance é famoso no mundo lusófono pela análise de um caso (possível, mas nunca provado ou admitido) de adultério.

Quincas Borba

O Alienista, o conto sobre um psiquiatra que funda um hospital para doentes mentais em uma pequena cidade e mais tarde se envolve em investigações profundas sobre a natureza e a cura da doença mental, perturbando muito o estilo de vida da cidade.

Pré-modernismo

O período entre 1895 e 1922 é chamado de pré-modernismo por estudiosos brasileiros, porque, apesar de não haver uma predominância clara de qualquer estilo literário, existiam algumas manifestações iniciais do modernismo. A era pré-moderna é curiosa, visto que a escola francesa do simbolismo não se popularizou, enquanto a maioria dos autores do realismo ainda mantiveram seus estilos e reputações anteriores (incluindo Machado de Assis e o poeta Olavo Bilac). Alguns autores dessa época, como Monteiro Lobato, Lima Barreto, Simões Lopes Neto e Augusto dos Anjos.

Um escritor famoso e altamente influenciado pelo determinismo, Euclides da Cunha sempre foi atormentado por seus problemas familiares (ele foi morto pelo amante de sua esposa) e teve que enfrentar a oposição política por causa de suas opiniões. Como jornalista freelancer que trabalhava para o jornal O Estado de S. Paulo, Cunha cobriu a Guerra de Canudos, uma revolta popular com alguns traços igualitários e cristãos fundamentalistas que ocorreu na Bahia entre 1895 e 1897. Suas histórias, juntamente com alguns ensaios que ele escreveu sobre o povo e a geografia do nordeste brasileiro, foram publicados em um grosso volume chamado Os Sertões. Em seu trabalho, Cunha apresentou a tese revolucionária de que o Estado brasileiro era uma entidade violenta e estrangeira, rejeitada (mas muitas vezes tolerada) pela grande maioria da população analfabeta, alguns dos quais preservavam crenças e comportamentos que não tinham mudado nos últimos mil anos. Ele descobriu, por exemplo, que o sebastianismo era, então, presente no nordeste brasileiro e que muitas rimas medievais, contos folclóricos e tradições portuguesas ainda eram mantidos pelas pessoas grosseiras dos "sertões".

Esta população não aceitava o secularismo e o governo republicano. Seu livro Os Sertões é composto por três partes chamadas "A Terra", "O Homem" e "A luta". Tal organização do livro reforça a ideia de que o ambiente onde um homem nasceu, os aspectos sociais deste lugar e essa cultura homem pode definir o que ele vai se tornar. Este princípio é conhecido como determinismo, uma forma de pensamento que influenciou profundamente a literatura brasileira em meados e final do século XIX e início do século XX.

Modernismo

O modernismo no Brasil começou com a Semana de Arte Moderna, em 1922: Geração 1922 era um apelido para os escritores Mário de Andrade (Pauliceia Desvairada, Macunaíma), Oswald de Andrade (Memórias Sentimentais de João Miramar), Manuel Bandeira, Cassiano Ricardo, Raul Bopp, Guilherme de Almeida, Antônio de Alcântara Machado e outros, os quais combinavam tendências nacionalistas com um interesse pelo modernismo europeu. Alguns novos movimentos como o surrealismo já eram importantes na Europa e começaram a se firmar no Brasil durante esse período.

Mário de Andrade nasceu em São Paulo. Ele trabalhou como professor e foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna. Andrade pesquisou o folclore e a música popular brasileira e usou isso em seus livros, evitando o estilo europeu. Seu anti-herói brasileiro é Macunaíma, um produto da mistura étnica e cultural. O interesse de Andrade pelo folclore e seu uso da linguagem

coloquial eram extremamente influente, a ponto de que suas inovações, a princípio revolucionárias, passaram a dominar a literatura brasileira.

Oswald de Andrade, outro participante da Semana de Arte Moderna de 1922, trabalhou como jornalista em São Paulo. Nascido em uma família rica, ele viajou para a Europa várias vezes. Da geração de 1922, Oswald de Andrade representa melhor as características rebeldes do movimento modernista. Ele é o autor do Manifesto Antropófago (1927), em que ele diz que é necessário que o Brasil, como um canibal, coma a cultura estrangeira e, durante a digestão, crie a sua própria cultura.

Neste período, a ficção científica do Brasil, cujas origens são identificadas no século XIX, teve representantes como Jerônimo Monteiro, apontado como o primeiro autor nacional especializado no gênero.

Pós-modernismo e Regionalismo

Exemplo: Trechos pendurados de Grande Sertão: Veredas, a obra-prima de Guimarães Rosa, durante uma exposição no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo.

O que define o modernismo brasileiro são duas características principais: o experimentalismo na linguagem e uma consciência social melhorada, ou uma mistura dos dois, como era o caso de Oswald de Andrade, que foi brevemente atraído para o movimento comunista. A reação do modernismo, então, assume a forma de uma mistura entre a sua característica mais saliente, a utilização de uma linguagem literária mais formal (como foi o caso da assim chamada "geração de 1945", cujas características eram, em primeiro lugar, a poesia altamente física de João Cabral de Melo Neto, que se opunha ao modernismo poético de Carlos Drummond de Andrade e, em segundo lugar, os sonetos de Vinicius de Moraes), seguida por doses variadas, de acordo com o autor, de subjetivismo, conservadorismo político e catolicismo militante.

Dois importantes escritores brasileiros desta "escola" e que têm publicações após a década de 1950 são Clarice Lispector, cujos romances e contos existencialistas estão cheios de fluxo de consciência e epifanias, e João Guimarães Rosa, cuja linguagem experimental mudou a face da literatura brasileira para sempre. Seu romance Grande Sertão: Veredas tem sido comparado a Ulisses, de James Joyce, ou a Berlin Alexanderplatz, de Alfred Döblin.

Com extensa obra, Graciliano Ramos também marcou a literatura brasileira. Suas obras sobre a situação do sertanejo e sobre o processo de urbanização

precária nos pequenos centros urbanos marcam, ao lado de outros escritores, a geração de 1930, que embora vinculado ao modernismo, estavam mais associados a uma vertente regionalista, com temáticas renovadas e espírito crítico.

Seguindo na esteira do subjetivismo conservador inaugurado pelos romancistas católicos Octávio de Faria, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena e Gustavo Corção, Nelson Rodrigues fez sua carreira como dramaturgo e jornalista esportivo. Suas peças e contos faziam uma crônica dos costumes sociais brasileiros dos anos 1950 e 1960, os adultérios e as patologias sexuais em geral, sendo uma das principais a fixação dele. Sua escrita esportiva descreve a evolução do futebol, uma das paixões nacionais do Brasil. Rodrigues era considerado conservador e de direita, além de ser fortemente crítico dos jovens de esquerda que se opunham à ditadura militar após o golpe de 1964. Por um tempo, Nelson Rodrigues foi pró-ditadura, até sofrer o destino trágico de ter um de seus filhos torturados e encarcerados por pertencer a uma organização guerrilheira clandestina.

Contemporaneidade

A literatura brasileira contemporânea é, em geral, muito focada na vida urbana e em todas as suas características: a solidão, a violência, as questões políticas e o controle da mídia. Escritores como Rubem Fonseca e Sérgio Sant'Anna escreveram livros importantes com estes temas na década de 1970, abrindo novos caminhos na literatura nacional até então. Destacam-se na prosa de ficção Autran Dourado, Murilo Rubião, Josué Montello, Herberto Sales, Otto Lara Resende, Adonias Filho, Osman Lins, Campos de Carvalho, Fernando Sabino, Antonio Callado, Dalton Trevisan, Carlos Heitor Cony, José J. Veiga, João Antônio, José Cândido de Carvalho, Moacyr Scliar, João Ubaldo Ribeiro, Luiz Vilela, Néida Piñon, Ariano Suassuna, Pedro Nava, Raduan Nassar, Ignacio de Loyola Brandão, João Gilberto Noll, Cristóvão Tezza, Antônio Torres, Zulmira Ribeiro Tavares, Milton Hatoum, Ana Miranda, Bernardo Carvalho, Luiz Ruffato e Lygia Fagundes Telles, que, em 2016, aos 92 anos, tornou-se a primeira mulher brasileira a ser indicada ao Nobel de Literatura.

Entre os poetas mais aclamados nos círculos literários brasileiros estão Manoel de Barros, Adélia Prado e Ferreira Gullar, que, assim como Lygia Fagundes Telles, também foi indicado ao Nobel de Literatura.

Autores da Literatura Brasileira

Barroco

Padre Antônio Vieira (1608 – 1697)

Gregório de Matos (1636 – 1696)

Manuel Botelho de Oliveira (1636 - 1711)

Frei Manuel de Santa Maria Itaparica (1704 - 1768)

Nuno Marques Pereira (1652 - 1731)

Sebastião da Rocha Pita (1660 - 1738)

Frei Vicente do Salvador (1564 - 1636/1639)

Bento Teixeira (1560 - 1618)

Arcadismo

Alvarenga Peixoto (1744 - 1793)

Basílio da Gama (1740 - 1795)

Cláudio Manuel da Costa (1729 - 1789)

Santa Rita Durão (1722 - 1784)

Silva Alvarenga (1749 - 1814)

Sousa Caldas (1762 - 1814)

Tomás Antônio Gonzaga (1744 – 1810)

Romantismo

Indianista

Gonçalves Dias

Gonçalves de Magalhães

Araújo Porto Alegre

Ultra-romantismo

Álvares de Azevedo

Casimiro de Abreu

Fagundes Varela

Junqueira Freire

Condoreirismo

Castro Alves

Sousândrade

Tobias Barreto

Luís Delfino

Romantismo (Prosa)

Joaquim Manuel de Macedo

Franklin Távora

Guimarães Jr.

Pereira da Silva

José de Alencar

Manuel Antônio de Almeida

Bernardo Guimarães

Martins Pena

Paulo Eiró

Visconde de Taunay

Francisco Sotero dos Reis

Joaquim Caetano da Silva

Francisco de Sales Torres Homem

João Francisco Lisboa

Justiniano José da Rocha

João Manuel Pereira da Silva

Joaquim Felício dos Santos

Guimarães Júnior

Realismo

Artur Azevedo

Francisco Otaviano

Machado de Assis

Júlia Lopes de Almeida

Xavier Marques

Manuel de Oliveira Paiva

Raul Pompéia

Naturalismo

Adherbal de Carvalho

Adolfo Caminha

Aluísio Azevedo

Domingos Olímpio

Inglês de Sousa

Júlio Ribeiro

Mario Totta

Ferreira Leal

Paulino Azarenha

Paulo Marques de Oliveira

Sousa Lobo

Figueiredo Pimentel

Max Fleiuss

Pápi Júnior
Coelho Neto
Raul Pompéia
Rodolfo Teófilo
Maria Benedita Bormann
Marques de Carvalho
Horácio de Carvalho
Antônio Sales
Carlos Dias Fernandes
Antônio de Oliveira
Emília Bandeira de Melo
Canto e Mello
Avelino Fóscolo
Cardoso de Oliveira
Pardal Mallet
Baptista Cepellos
Faria Neves Sobrinho
Carneiro Vilela
Theotônio Freire
Manoel Arão de Oliveira Campos

Parnasianismo
Afonso Celso
Alberto de Oliveira
Antônio Sales
Baptista Cepellos
Bastos Tigre

Emílio de Menezes

Félix Pacheco

Francisca Júlia

Goulart de Andrade

Humberto de Campos

João Ribeiro

Júlia Cortines

Luís Carlos

Luís Delfino

Luís Guimarães

Magalhães de Azeredo

Olavo Bilac

Olegário Mariano

Raimundo Correia

Rodrigo Otávio

Theotônio Freire

Valentim Magalhães

Vicente de Carvalho

Simbolismo

Alphonsus de Guimaraens

Artur de Sales

Cruz e Sousa

Pedro Kilkerry

Nestor Vítor

Xavier Marques

Pré-Modernismo

Augusto dos Anjos

Coelho Neto

Euclides da Cunha

Graça Aranha

Lima Barreto

Monteiro Lobato

Raul de Leoni

Modernismo

Antônio de Alcântara Machado

Augusto Frederico Schmidt

Carlos Drummond de Andrade

Cecília Meireles

Cassiano Ricardo

Cornélio Pena

Cyro dos Anjos

Dante Milano

Érico Veríssimo

Euclides Neto

Graciliano Ramos

Guilherme de Almeida

Henriqueta Lisboa

Jorge Amado

Jorge de Lima

José Américo de Almeida

José Geraldo Vieira

José Lins do Rego

Juó Bananère

Lúcio Cardoso

Manuel Bandeira

Mário de Andrade

Mario Quintana

Marques Rebelo

Menotti Del Picchia

Murilo Mendes

Oswald de Andrade

Otávio de Faria

Patrícia Galvão (Pagu)

Rachel de Queiroz

Raul Bopp

Ribeiro Couto

Ronald de Carvalho

Vinícius de Moraes

Adalgisa Nery

Pós-Modernismo / Geração de 45

Clarice Lispector

Dalcídio Jurandir

Elisa Lispector

Geir Campos

Guimarães Rosa

João Cabral de Melo Neto

Jorge Andrade

Lêdo Ivo

Mauro Mota

Geraldo Vidigal

Domingos Carvalho da Silva

Nelson Rodrigues

Péricles Eugênio da Silva Ramos

Concretismo

Ferreira Gullar

Décio Pignatari

Haroldo de Campos

Augusto de Campos

Ronaldo Azeredo

Literatura Contemporânea

Adélia Prado

Adonias Filho

Affonso Romano de Sant'Anna

Alberto Mussa

Álvaro Cardoso Gomes

Ana Maria Machado

Ana Miranda

Ana Cristina Cesar

Angela Dutra de Menezes

Antônio Callado

Antônio Carlos Viana

Antônio Torres

Ariano Suassuna
Armando Freitas Filho
Augusto Boal
Augusto de Campos
Autran Dourado
Bernardo Élis
Bernardo Carvalho
Bruno Tolentino
Cacaso
Caio Fernando Abreu
Campos de Carvalho
Carlos Heitor Cony
Carlos Herculano Lopes
Carlos Nascimento Silva
Carlos Nejar
Chico Buarque de Holanda
Cristóvão Tezza
Dalton Trevisan
Décio Pignatari
Dias Gomes
Domício Proença Filho
Donizete Galvão
Edla Van Steen
Eduardo Spohr
Elias José
Esdras do Nascimento
Fernando Sabino

Francisco Alvim

Geraldo Ferraz

Gianfrancesco Guarnieri

Gabriel de Paula Machado

Haroldo de Campos

Harry Laus

Herberto Sales

Hilda Hilst

Horácio Costa

Ignácio de Loyola Brandão

Izomar Camargo Guilherme

João Almino

João Antônio

João Gilberto Noll

João Ubaldo Ribeiro

Joel Silveira

Jorge Amado

José Cândido de Carvalho

José Clemente Pozenato

José J. Veiga

José Paulo Paes

José Roberto Torero

Josué Montello

José Sarney

Leo Vaz

Lindanor Celina

Lindolfo Rocha

Livia Garcia-Roza

Luís Fernando Veríssimo

Luiz Antonio de Assis Brasil

Luiz Vilela

Lya Luft

Lygia Fagundes Teles

Manoel Carlos Karam

Manoel de Barros

Marcelo Mirisola

Marcelo Rubens Paiva

Margarete Solange

Marina Colasanti

Mário Prata

Mario Quintana

Mário Ribeiro da Cruz

Marques Rebelo

Miguel M. Abrahão

Millôr Fernandes

Moacyr Scliar

Modesto Carone

Murilo Rubião

Nélida Piñon

Nelson Motta

Olavo de Carvalho

Olga Savary

Otto Lara Resende

Osman Lins

Paulo Aquarone

Paulo Coelho

Paulo Leminski

Paulo Lins

Paulo Mendes Campos

Paulinho Assunção

Pedro Bandeira

Pedro Nava

Per Johns

Raduan Nassar

Reinaldo Moraes

Renard Perez

Ricardo Ramos

Ronald Claver

Roberto Drummond

Rubem Braga

Rubem Fonseca

Ruth Rocha

Ruy Castro

Samuel Rawet

Sérgio Sant'Anna

Silviano Santiago

Thales de Andrade

Yara Cecim

Zélia Gattai

Zulmira Ribeiro Tavares

Escritores do início do século XXI

Prosadores

André Vianna

Adriana Falcão

Adriana Lisboa

Alberto Mussa

Amílcar Bettega Barbosa

Andréa del Fuego

André Sant'Anna

Bernardo Carvalho

Celso Kallarrari

Christiane Tassis

Cintia Moscovich

Clarah Averbuck

Clarice Pacheco

Daniel Galera

Daniel Pellizzari

Fernanda Young

Fernando Bonassi

Fernando Molica

Índigo

Ivana Arruda Leite

Ivan Sant'anna

João Almino

João Paulo Cuenca

Joca Reiners Terron

Leonardo de Moraes

Letícia Wierzchowski
Luis Eduardo Matta
Luiz Alfredo Garcia-Roza
Luiz Ruffato
Marçal Aquino
Marcelino Freire
Mário Bortolotto
Miguel Sanches Neto
Milton Hatoum
Modesto Carone
Nelson de Oliveira
Patrícia Melo
Paulo Scott
Ronaldo Cagiano
Santiago Nazarian
Simone Campos
Sonia Sant'Anna
Thales Guaracy
Vicente Franz Cecim
Xico Sá
Zé Rodrix

Poetas

André Vianna

Angélica Freitas

Annita Costa Malufe

Augusto Meneghin

Carlito Azevedo

Carlos Eduardo Drummond

Carlos Lima

Clarice Pacheco

Claudio Daniel

Cora Coralina

Delmo Montenegro

Fabiano Calixto

Fabício Carpinejar

Fabio Weintraub

Francisco Alvim

Horacio Costa

Micheliny Verunschik

Paulo Aquarone

Paulo Ferraz

Paulo Henriques Britto

Tarso de Melo

Virna Teixeira

Carta de Pero Vaz de Caminha

A Carta de Pero Vaz de Caminha é o documento no qual Pero Vaz de Caminha registrou as suas impressões sobre a terra que posteriormente viria a ser chamada de Brasil. É o primeiro documento escrito da história do Brasil. Costuma ser erroneamente considerado o marco inicial da obra poética escrita no país, porém, para ser obra literária, precisaria ter características irreais, já que a Carta é um documento histórico que descreve a realidade do país vista aos olhos de um escrivão.

Escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, Caminha enviou a carta para o rei D. Manuel I(1469-1521) para comunicar-lhe o descobrimento das novas

terras. Datada de Porto Seguro, no dia 1 de Maio de 1500, foi levada a Portugal por Gaspar de Lemos, comandante do navio de mantimentos da frota.

A Carta conservou-se inédita por mais de dois séculos no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa. Foi descoberta, em 1773 por José de Seabra da Silva e publicada pelo historiador Manuel Aires de Casal na sua Corografia Brasília (1817).

Em 2005, este documento foi inscrito no Programa Memória do Mundo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha

"Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma. Todos andam rapados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobrancelhas e pestanas. Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas de tintura preta, que parece uma fita preta da largura de dois dedos.

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se os houvesse ali. Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados. Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram dele nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora. Viu um deles umas contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para as contas e para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo."CAMINHA, Pero de Vaz.

Literatura de Cordel



Literatura de cordel também conhecida no Brasil como folheto, literatura popular em verso, ou simplesmente cordel, é um gênero literário popular escrito frequentemente na forma rimada, originado em relatos orais e depois impresso em folhetos. Remonta ao século XVI, quando o Renascimento popularizou a impressão de relatos orais, e mantém-se uma forma literária popular no Brasil. O nome tem origem na forma como tradicionalmente os folhetos eram expostos para venda, pendurados em cordas, cordéis ou barbantes em Portugal.

No Nordeste do Brasil o nome foi herdado, mas a tradição do barbante não se perpetuou: o folheto brasileiro pode ou não estar exposto em barbantes. Alguns poemas são ilustrados com xilogravuras, também usadas nas capas. As estrofes mais comuns são as de dez, oito ou seis versos. Os autores, ou cordelistas, recitam esses versos de forma melódica e cadenciada, acompanhados de viola, como também fazem leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores.

Para reunir os expoentes deste gênero literário típico do Brasil, foi fundada em 1988 a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, com sede no Rio de Janeiro.

Em setembro de 2018, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional reconheceu a literatura de cordel como patrimônio cultural imaterial do Brasil.

A história da literatura de cordel começa com o romanceiro do Renascimento, quando se iniciou a impressão de relatos tradicionalmente orais feitos pelos trovadores medievais, e desenvolve-se até à Idade Contemporânea. O nome cordel está ligado à forma de comercialização desses folhetos em Portugal, onde eram pendurados em cordões, chamados de

cordéis. Inicialmente, eles também continham peças de teatro, como as de autoria de Gil Vicente (1465-1536). Foram os portugueses que introduziram o cordel no Brasil desde o início da colonização. O termo cordel apareceu pela primeira vez no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, também conhecido como Dicionário Caldas Aulete, publicado em 1881.

Na segunda metade do século XIX começaram as impressões de folhetos brasileiros, com suas características próprias. Os temas incluem fatos do cotidiano, episódios históricos, lendas, temas religiosos, entre muitos outros. As façanhas do cangaceiro Lampião (Virgulino Ferreira da Silva, 1900-1938) e o suicídio do presidente Getúlio Vargas (1883-1954) são alguns dos assuntos de cordéis que tiveram maior tiragem no passado. Não há limite para a criação de temas dos folhetos. Praticamente todo e qualquer assunto pode virar cordel nas mãos de um poeta competente.

No Brasil, a literatura de cordel é produção típica do Nordeste, sobretudo nos estados de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte, do Ceará e da Bahia. Os folhetos costumava ser vendidos em mercados e feiras pelos próprios autores. Hoje também se faz presente em outros Estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. O cordel hoje é vendido em feiras culturais, casas de cultura, livrarias e nas apresentações dos cordelistas.

O grande mestre de Pombal, Leandro Gomes de Barros, que nos emprestou régua e compasso para a produção da literatura de cordel, foi de extrema sinceridade quando afirmou na peleja de Riachão com o Diabo, escrita e editada em 1899:

"Esta peleja que fiz
não foi por mim inventada,
um velho daquela época
a tem ainda gravada
minhas aqui são as rimas
exceto elas, mais nada".

Oriunda de Portugal, a literatura de cordel chegou ao Brasil em fins do século XVIII, ganhando força a partir do século XIX no interior nordestino.

Na indagação dos pesquisadores no entanto há lógica, porque os poetas de bancada ou de gabinete, como ficaram conhecidos os autores da literatura de cordel, demoraram a emergir do seio bom da terra natal. Mais tarde, por volta de 1750 é que apareceram os primeiros vates da literatura de cordel oral. Engatinhando e sem nome, depois de relativo longo período, a literatura de cordel recebeu o batismo de poesia popular.

Foram esses bardos do improviso os precursores da literatura de cordel escrita. Os registros são muito vagos, sem consistência confiável, de repentistas ou violeiros antes de Manoel Riachão ou Mergulhão, mas Leandro Gomes de Barros, nascido no dia 19 de novembro de 1865, teria escrito a peleja de Manoel Riachão com o Diabo, em fins do século passado.

Sua afirmação, na última estrofe desta peleja (ver em detalhe) é um rico documento, pois evidencia a não contemporaneidade do Riachão com o rei dos autores da literatura de cordel. Ele nos dá um amplo sentido de longa distância ao afirmar: "Um velho daquela época a tem ainda gravada".

Os poetas Leandro Gomes de Barros (1865-1918) e João Martins de Athayde (1880-1959) estão entre os principais autores do passado.

Carlos Drummond de Andrade, reconhecido como um dos maiores poetas brasileiros do século XX, assim definiu, certa feita, a literatura de cordel: "A poesia de cordel é uma das manifestações mais puras do espírito inventivo, do senso de humor e da capacidade crítica do povo brasileiro, em suas camadas modestas do interior.

O poeta cordelista exprime com felicidade aquilo que seus companheiros de vida e de classe econômica sentem realmente. A espontaneidade e graça dessas criações fazem com que o leitor urbano, mais sofisticado, lhes dedique interesse, despertando ainda a pesquisa e análise de eruditos universitários. É esta, pois, uma poesia de confraternização social que alcança uma grande área de sensibilidade".

A literatura de cordel apresenta vários aspectos interessantes e dignos de destaque:

As suas gravuras, chamadas xilogravuras, representam um importante espólio do imaginário popular;

Pelo fato de funcionar como divulgadora da arte do cotidiano, das tradições populares e dos autores locais (lembre-se a vitalidade deste gênero ainda no nordeste do Brasil), a literatura de cordel é de inestimável importância na manutenção das identidades locais e das tradições literárias regionais, contribuindo para a perpetuação do folclore brasileiro;

Pelo fato de poderem ser lidas em sessões públicas e de atingirem um número elevado de exemplares distribuídos, ajudam na disseminação de hábitos de leitura e lutam contra o analfabetismo;

A tipologia de assuntos que cobrem, crítica social e política e textos de opinião, elevam a literatura de cordel ao estandarte de obras de teor didático e educativo.

Com o advento das redes sociais na internet, desafios e porfias são travados virtualmente, a longas distâncias entre os cordelistas. Outros cordéis são apenas escritos e divulgados na internet sem impressão de folhetos, destacando-se na atualidade o cordelista chamado Damião Metamorfose.

Narrativa

Os textos considerados romances na literatura de cordel possuem alguns traços em comum quanto à sua narrativa. Os recursos narrativos mais utilizados nesses cordéis são as descrições dos personagens em cena e os monólogos com queixas, súplicas, rogos e preces por parte do protagonista.

São histórias que têm como ponto central uma problemática a ser resolvida através de inteligência e astúcia para atingir um objetivo. No romance romântico, a problemática envolve elementos relacionados ao imaginário europeu – duques, condes, castelos –, apropriados e adaptados pela literatura oral brasileira.

O herói sofrerá, vivendo em desgraça e martírio, sempre fiel ao seu amor ou às suas convicções, mesmo com as intempéries. É comum a intriga envolver jovens que enfrentam problemas na escolha de seus companheiros, em relações familiares extremamente hierarquizadas. Objeção, proibição do namoro, noivados arranjados são algumas das dificuldades que impedem o jovem casal apaixonado de ficar junto ao longo do romance.

Ao fim de tudo, o herói será exaltado e os opositores humilhados. Se assim não for, haverá outro meio de equilibrar a situação, que durante quase toda a narrativa permaneceu desfavorável ao protagonista.

Poética

Exemplo: Trabalho de alunos, praça em Cerqueira César

Quadra

Estrofe de quatro versos. A quadra iniciou o cordel, mas hoje não é mais utilizada pelos cordelistas. Porém as estrofes de quatro versos ainda são muito utilizadas em outros estilos de poesia sertaneja, como a matuta, a caipira, a embolada, entre outros.

A quadra é mais usada com sete sílabas. Obrigatoriamente tem que haver rima em dois versos (linhas). Cada poeta tem seu estilo. Um usa rimar a segunda com a quarta. Exemplo:

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá (2)

As aves que aqui gorjeiam

Não gorjeiam como lá (4).

Outro prefere rimar todas as linhas, alternando ou saltando. Pode ser a primeira com a terceira e a segunda com a quarta, ou a primeira com a quarta e a segunda com a terceira. Vejamos estes exemplos de Zé da Luz:

E nesta constante lida

Na luta de vida e morte

O sertão é a própria vida

Do sertanejo do Norte

Três muié, três irimã,

Três cachorra da mulesta

Eu vi nun dia de festa

No lugar Puxinanã.

Sextilha

É a mais conhecida. Estrofe ou estância de seis versos. Estrofe de seis versos de sete sílabas, com o segundo, o quarto e o sexto rimados; verso de seis pés, colcheia, repente. Estilo muito usado nas cantorias, onde os cantadores fazem alusão a qualquer tema ou evento e usando o ritmo de baião. Exemplo:

Quem inventou esse "S"

Com que se escreve saudade

Foi o mesmo que inventou

O "F" da falsidade

E o mesmo que fez o "I"

Da minha infelicidade

Septilha

Estrofe (rara) de sete versos; setena (de sete em sete). Estilo muito usado por Zé Limeira, o Poeta do Absurdo.

Eu me chamo Zé Limeira

Da Paraíba falada

Cantando nas escrituras

Saudando o pai da coaiada

A lua branca alumia

Jesus, Jose e Maria

Três anjos na farinhada.

Napoleão era um

Bom capitão de navio

Sofria de tosse braba

No tempo que era sadio,

Foi poeta e demagogo

Numa coivara de fogo

Morreu tremendo de frio.

Na septilha usa-se o estilo de rimar os segundo, quarto e sétimo versos e o quinto com o sexto, podendo deixar livres o primeiro e o terceiro.

Oitava

Estrofe ou estância (grupo de versos que apresentam, comumente, sentido completo) de oito versos: oito-pés-em-quadrão. Oitavas-a-quadrão. Como o nome já sugere, a oitava é composta de oito versos (duas quadras), com sete sílabas. A rima na oitava difere das outras.

O poeta usa rimar a primeira com a segunda e terceira, a quarta com a quinta e oitava e a sexta com a sétima.

Quadrão

Oitava na poesia popular, cantada, na qual os três primeiros versos rimam entre si, o quarto com o oitavo, e o quinto, o sexto e o sétimo também entre si.

Todas as estrofes são encerradas com o verso: Nos oito pés a quadrão. Vejamos versos de uma contaria entre José Gonçalves e Zé Limeira: - (AAABBCCB)

Gonçalves:

Eu canto com Zé Limeira

Rei dos vates do Teixeira

Nesta noite prazenteira

Da lua sob o clarão

Sentindo no coração

A alegria deste canto

Por isso é que eu canto tanto

NOS OITO PÉS A QUADRÃO

Limeira:

Eu sou Zé Limeira e tanto

Cantando por todo canto

Frei Damião já é santo

Dizendo a santa missão

Espinhaço e gangão

Batata de fim de rama

Remédio de velho é cama

NOS OITO PÉS A QUADRÃO.

Décima

Estrofe de dez versos, com dez ou sete sílabas, cujo esquema rimático é, mais comumente, ABBAACCCDDC, empregada sobretudo na glosa dos motes, conquanto se use igualmente nas pejejas e, com menos frequência, no corpo dos romances.

Geralmente nas pejejas é dado um mote para que os violeiros se desdobrem sobre o mesmo. Vejamos e exemplo com José Alves Sobrinho e Zé Limeira:

Mote:

VOCÊ HOJE ME PAGA O QUE TEM FEITO
COM OS POETAS MAIS FRACOS DO QUE EU.

Sobrinho:

Vou lhe avisar agora Zé Limeira <A
Dizem que quem avisa amigo é >B
Vou lhe amarrar agora a mão e o pé >B
E lhe atirar naquela capoeira <A
Pra você não dizer tanta besteira <A
Nesta noite em que Deus nos acolheu >C
Você hoje se esquece que nasceu >C
E se lembra que eu sou bom e perfeito >D
Você hoje me paga o que tem feito >D
Com os poetas mais fracos do que eu. >C

Zé Limeira:

Mais de trinta da sua qualistria
Não me faz eu correr nem ter sobrosso
Eu agarro a tacaca no pescoço
E carrego pra minha freguesia
Viva João, viva Zé, viva Maria
Viva a lua que o rato não lambeu
Viva o rato que a lua não roeu

Zé Limeira só canta desse jeito

Você hoje me paga o que tem feito

Com os poetas mais fracos do que eu.

Martelo

Estrofe composta de decassílabos, muito usada nos versos heroicos ou mais satíricos, nos desafios. Os martelos mais empregados são o gabinete e o agalopado.

Martelo agalopado - Estrofe de dez versos decassílabos, de toada violenta, improvisada pelos cantadores sertanejos nos seus desafios.

Martelo de seis pés, galope - Estrofe de seis versos decassilábicos. Também se diz apenas agalopado.

Galope à beira-mar

Estrofe de 10 versos hendecassílabos (que tem 11 sílabas), com o mesmo esquema rítmico da décima clássica, e que finda com o verso "cantando galope na beira do mar" ou variações dele. Termina, sempre, com a palavra "mar".

Às vezes, porém, o primeiro, o segundo, o quinto e o sexto versos da estrofe são heptassílabos, e o refrão é "meu galope à beira-mar". É considerado o mais difícil gênero da cantoria nordestina, obrigatoriamente tônicas as segunda, quinta, oitava e décima primeira sílabas.

Sobrinho:

Provo que eu sou navegador romântico

Deixando o sertão para ir ao mirífico

Mar que tanto adoro e que é o Pacífico

Entrando depois pelas águas do Atlântico

E nesse passeio de rumo oceânico

Eu quero nos mares viver e sonhar

Bonitas sereias desejo pescar

Trazê-las na mão pra Raimundo Rolim

Pra mim e pra ele, pra ele e pra mim

Cantando galope na beira do mar.

Limeira:

Eu sou Zé Limeira, caboclo do mato

Capando carneiro no cerco do bode

Não gosto de feme que vai no pagode

O gato fareja no rastro do rato

Carcaça de besta, suvaco de pato

Jumento, raposa, canção e preá

Sertão, Pernambuco, Sergipe e Pará

Pará, Pernambuco, Sergipe e Sertão

Dom Pedro Segundo de sela e gibão

Cantando galope na beira do mar.

Redondilha

Antigamente, quadra de versos de sete sílabas, na qual rimava o primeiro com o quarto e o segundo com o terceiro, seguindo o esquema abba.

Hoje, verso de cinco ou de sete sílabas, respectivamente redondilha menor e redondilha maior.

Carretilha

Literatura popular brasileira - Décima de redondilhas menores rimadas na mesma disposição da décima clássica; miudinha, parcela, parcela-de-dez.

Métrica e Rima

Métrica:

Arte que ensina os elementos necessários à feitura de versos medidos. Sistema de versificação particular a um poeta. Contagem das sílabas de um verso. Verso é a linguagem medida. Para medir devemos ajuntar as palavras

em número prefixado de pés. Chama-se pé uma sílaba métrica. O verso português pode ter de duas a doze sílabas. Os mais comuns são os de seis, sete, oito, dez e doze pés. Como o verso mais comum, mais espontâneo é o de sete pés, comecemos nele a contagem métrica. Exemplo:

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá

As aves que aqui gorjeiam

Não gorjeiam como lá.

Eis como se contam as sílabas:

Mi | nha | ter | ra | tem | pal | mei |

Não contamos a sílaba final "ras" porque o verso acaba no último acento tônico. O verso a quem sobra uma sílaba final chama-se grave. Aquele a quem sobram duas sílabas finais chama-se esdrúxulo. O terminado por palavra oxítona chama-se agudo, como o segundo e o quarto do exemplo supra. Eis como se decompõe o segundo verso:

On | de | can | ta o | sa | bi | á |

Nesse verso "ta o" se leem como t'o formando um pé, pela figura sinalefa (fusão) . Sabiá, modernamente, se deve contar dissílabo, porque biá, em duas sílabas, forma hiato. Em geral devemos sempre evitar o hiato, quer intraverbal, quer interverbal. Os autores antigos e os modernos pouco escrupulosos toleram muitos hiatos.

Sinalefa:

Figura pela qual se reúnem duas sílabas em uma só, por elisão, crase ou sinérese.

Sinérese:

Contração de duas sílabas em uma só, mas sem alteração de letras nem de sons, como, p. ex., em reu-nir, pie-da-de, em vez de re-u-nir, pi-e-da-de.

As| aves | que a| qui | gor| jei |

Não | gor | jei| am | co | mo | lá |

No caso o verso é um heptassílabo, porque só contamos sete sílabas. Se colocarmos uma sílaba a mais ou a menos em qualquer dos versos, fica dissonante e perde a beleza e harmonia.

Vale lembrar que quando a palavra seguinte inicia com vogal, dependendo do caso, pode haver a junção da sílaba da primeira com a segunda, como se faz na língua francesa. Exemplo:

Para verificar a quantidade de sílabas podemos contar nos dedos. Vejamos neste trechinho de Patativa do Assaré:

Nes | ta | noi | te | pas | sa | gei | Ra

1 2 3 4 5 6 7

Há | coi| sa | que | mui | to | pas | ma

1 2 3 4 5 6 7

Um mote:

Vou | fa | zer | se | re | na | ta | na | cal | ça | da

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Da | me | ni | na | que a | mei | na | mi | nha | vi | da

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Rima

Rimas consoantes:

As que se conformam inteiramente no som desde a vogal ou ditongo do acento tônico até a última letra ou fonema. Exemplo: fecundo e mundo; amigo e contigo; doce e fosse; pálido e válido; moita e afoita.

Rimas toantes:

Aquelas em que só há identidade de sons nas vogais, a começar das vogais ou ditongos que levam o acento tônico, ou, algumas vezes, só nas vogais ou ditongos da sílaba tônica. Exemplo: fuso e veludo; cálida e lágrima; "Sem propósito de sonho / nem de alvoradas seguintes, / esquece teus olhos tontos / e teu coração tão triste." Cecília Meireles, *Obra Poética*, p. 516.

No caso da literatura de cordel nordestina, faz parte da tradição do gênero o uso de rimas consoantes. Se um folheto de cordel usa rimas toantes, o conhecedor de cordel pensa logo que o autor daquele folheto desconhece a existência destas regras. Um cordel escrito assim pode até ser um grande poema, mas não se pode dizer que se trata de 'um cordel autêntico'.

Legado

A literatura de cordel exerceu influência sobre outras mídias. O dramaturgo Ariano Suassuna usou o cordel como fonte de inspiração em sua peça de teatro, *Auto da Compadecida* (1955), usando o personagem João Grilo, personagem do folclore português, presente na literatura de cordel brasileira desde 1932, parte do enredo foi inspirada em dois folhetos de Leandro Gomes de Barros (1865-1918), "O Dinheiro", também chamado de "O testamento do cachorro" e "O cavalo que defecava dinheiro". A peça teve três adaptações para o cinema: *A Compadecida* (1969), *Os Trapalhões no Auto da Compadecida* (1987) e *O Auto da Compadecida*, apresentado como minissérie pela Rede Globo de Televisão em 1999, lançado nos cinemas no ano seguinte.

Fundada em 1952, a editora paulista Prelúdio (atualmente chamada de Luzeiro) publicava cordéis e investiu também em histórias em quadrinhos, publicando na década de 1960, publicando revistas como *Juvêncio*, *o justiceiro do sertão*, baseada em uma série de rádio e também quadrinizações de cordéis

por Nico Rosso e Sérgio Lima, esse último responsável por quadrinizações de O Romance do Pavão Misterioso de José Camelo de Melo Rezende e "A Chegada de Lampião no inferno" de José Pacheco, ilustradas por Sérgio Lima.

O Romance do Pavão Misterioso também inspirou a canção Pavão Misterioso de Ednardo lançada em 1974 no álbum O Romance do Pavão Misterioso, a canção fez parte da trilha sonora da telenovela "Saramandaia" de Dias Gomes, lançada em 1976 pela Rede Globo.

Influenciado pelos cordéis e pela arte da xilogravura, o quadrinhista pernambucano Jô Oliveira publicou em 1975 na Itália, La guerra del regno divino abordando o cangaço, no ano seguinte, publicou como um álbum no Brasil com o título A Guerra do Reino Divino pela Codecri, editora do periódico O Pasquim,

Em 2003, o cordelista e quadrinista cearense Klévisson Viana publicou uma quadrinização do cordel A moça que namorou com o bode de seu irmão Arievaldo Viana, álbum publicado por três editoras: Tupynanquim, criada por ele, Coqueiro e CLUQ, a publicação ganhou o Troféu HQ Mix de 2004 como "melhor edição especial nacional". em 2010, a Luzeiro republicou a quadrinização de Pavão Misterioso por Sérgio Lima em parceria com a Tupynanquim de Klévisson Viana, que refez a paginação e inclui balões de diálogos.

Em 2011, a Rede Globo veiculou a telenovela Cordel Encantado de por Duca Rachid e Thelma Guedes, misturando elementos de contos de fadas com o Sertão brasileiro, a abertura da telenovela apresentou um grafismo inspirado na arte da xilogravura. Klévisson Viana, em parceria com o arte-finalista Eduardo Azevedo, quadrinizou o romance, A batalha de Oliveiros com Ferrabrás de Leandro Gomes de Barros, o álbum foi patrocinado pela Secretaria de Cultura do Ceará e teve prefácio do escritor baiano Marco Haurélio, edição de texto do jornalista Max Krichanã e produção cultural de Bruno Monteiro, sendo contemplado com o Prêmio Luiz Sá de Quadrinhos da mesma Secretaria de Cultura do Ceará.

Ainda em 2011, Klévisson Viana participou do álbum MSP Novos 50, onde fez história com elementos de cordel do Chico Bento, personagem interiorano de Maurício de Sousa. inspirado nos cordéis, Fábio Sombra, roteirizou uma série de histórias em quadrinhos inspirada em cordéis, publicando os álbuns com os álbuns Sete Histórias de Pescaria do Seu Vivinho (2011) e A pescaria magnética do Seu Vivinho (2013). desenhados por João Marcos Parreira Mendonça, que utilizou um traço com influências da arte da xilogravura usada nos cordéis. Os personagens de Maurício de Sousa em cordéis publicados pela Editora Melhoramentos:

A peleja do violeiro Chico Bento com o Rabequeiro Zé Lelé (2012), escrito por Fábio Sombra, O Raiozinho e a Furiosa (2013), escrito por Mário Mattoso, O Brasil no Papel em Poesia de Cordel (2014), escrito por Fábio Sombra, A Guerra de Troia em Versos de Cordel (2015), escrito por Fábio Sombra, e As Aventuras de Ulisses em Versos de Cordel (2016), escrito por Fábio Sombra.

Literatura de cordel é um tipo de poema popular, oral e impressa em folhetos, geralmente expostos para venda pendurados em cordas ou cordéis, o que deu origem ao nome.

O nome de cordel é original de Portugal, que tinha a tradição de pendurar folhetos em barbantes. Essa tradição se espalhou para o Nordeste do Brasil, onde o nome acabou sendo herdado, porém a tradição do barbante não se manteve.

A literatura de cordel é escrita em forma rimada e alguns poemas são ilustrados com xilogravuras, o mesmo estilo de gravura usado nas capas. As estrofes mais comuns são as de dez, oito ou seis versos. Os autores recitam esses versos de forma melodiosa e cadenciada, acompanhados de viola, além de fazerem as leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores.

A literatura de cordel começou com o romanceiro luso-holandês da Idade Contemporânea e na época do Renascimento. Foram os portugueses que introduziram o cordel no Brasil, e na segunda metade do século XIX os folhetos já possuíam características próprias brasileiras. Os temas incluíam fatos do cotidiano, episódios históricos, lendas, temas religiosos, e etc.

Originalmente os produtos raramente iam além de dois grandes fólios dobrados em quatro, sendo que muitas vezes o papel era de má qualidade. Escritas em prosa ou em verso, as obras tanto podiam ser autos e farsas, historietas para ser contadas e cantadas, mas também contos de fundo fantástico, histórico ou moralizante, originais ou estrangeiros, de autores anônimos ou de grandes nomes literários.

Em voga desde o século XVI ao século XVIII, foi através deste meio cultural acessível às massas populares que se divulgaram temas comuns a várias literaturas como a "História de Carlos Magno e os Doze Pares de França", por exemplo.

No Brasil, a literatura de cordel é produção típica do Nordeste, em especial nos estados de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará, geralmente é vendida em mercados e feiras pelos próprios autores, mas hoje também está presente em outros Estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais

e São Paulo. A Academia Brasileira de Literatura de Cordel foi fundada em Setembro de 1988 no Rio de Janeiro.

Alguns dos muitos cordelistas famosos no Brasil foram Apolônio Alves dos Santos, Firmino Teixeira do Amaral, João Ferreira de Lima, João Martins de Athayde, Leandro Gomes de Barros e Manoel Monteiro.

Literatura é uma palavra com origem no termo em latim littera, que significa letra. A literatura remete para um conjunto de habilidades de ler e escrever de forma correta. Existem diversas definições e tipos de literatura, pode ser uma arte, uma profissão, um conjunto de produções, e etc.

Literatura é a arte de criar e compor textos, e existem diversos tipos de produções literárias, como poesia, prosa, literatura de ficção, literatura de romance, literatura médica, literatura técnica, literatura portuguesa, literatura popular, literatura de cordel e etc. A literatura também pode ser um conjunto de textos escritos, sejam eles de um país, de uma personalidade, de uma época, e etc.

A literatura apresenta diversos gêneros, que agradam vários gostos e que são direcionados públicos diferentes, como por exemplo, a literatura de cordel, literatura infantil, etc.

Literatura também é uma disciplina no âmbito escolar, onde os indivíduos estudam diversos autores e suas obras, suas contribuições para a literatura brasileira, normalmente, e temas como a literatura portuguesa e a literatura barroca também estão presentes, além do colégio, em provas de vestibular.